

Perfil do aluno da Rede de Ensino Português no Estrangeiro

*Referencial Camões
de Português
Língua Estrangeira*
**Apoiar a
internacionalização**

Pág. 2/3

**Apoios à
internacionalização
das artes para 2017**

Pág.4

Cabo Verde
Portugal apoia ensino
do português como
língua segunda

Pág.4

Timor-Leste
Projeto *Formar Mais*
entrega certificados

Pág.4

Rede EPE

Aluno-tipo fala português em casa e outra língua com os amigos



❗ O 'retrato' do aluno da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE) na Europa mostra um adolescente, entre 11 e 14 anos, nascido em Portugal e residente na Suíça, que fala português em casa – mas que se entende com os amigos numa outra língua –, que nunca frequentou o ensino em Portugal, mas cujos pais aí nasceram e que frequenta um nível intermédio do curso de aprendizagem de língua portuguesa.

Este 'perfil' não existe na realidade. Corresponde aos valores mais frequentes ou maioritários, segundo os dados preliminares do estudo sobre o perfil sociolinguístico dos alunos dos níveis básico e secundário dos cursos de Português Língua de Herança (PLH) na rede tutelada pelo Camões, I.P., levado a cabo pela Divisão de Programação, Formação e Certificação deste instituto.

O estudo – que se encontra ainda em desenvolvimento e de que alguns resultados preliminares foram já divulgados em setembro passado, numa sessão no Camões, I.P., em Lisboa – pretende «realizar o mapeamento do perfil sociolinguístico do aluno PLH», conhecendo as suas «relações quotidianas» com a língua portuguesa. O objetivo é vir a «fundamentar práticas futuras: políticas linguísticas, materiais didáticos e de apoio à prática pedagógica, processos de certificação».

A amostra em estudo é constituída pelos 17.115 alunos entre os 5 e os 19 anos que, à data, se inscreveram em 13 países europeus, em regime extracurricular (2016/2017) nos cursos de língua e cultura portuguesa, bem como

os seus encarregados de educação – por contraposição aos alunos que frequentam cursos de língua portuguesa inseridos nos currículos oficiais dos países de acolhimento.

Por países de acolhimento, a Suíça representa mais de metade das inscrições (58,5%), seguindo-se Alemanha (15,6), Reino Unido (12,2) e Luxemburgo (6,4) e, só depois, a França (4,9), país tradicional da imigração portuguesa, mas onde a língua portuguesa é também ministrada nos currículos do sistema oficial de ensino francês.

A maior parte dos alunos inscritos encontra-se na faixa etária dos 11-14 anos, que reúne 40,5% das inscrições. Os alunos entre os 8 e os 10 anos de idade correspondem a 30,5% do número total de inscritos.

CONTRASTE

O estudo permitiu apurar que apenas pouco mais de metade (54,1%) dos alunos da rede EPE, fala português em casa, curiosamente um valor não muito diferente do país de nascimento dos jovens – 54% nasceu em Portugal. A Suíça é o país em que é mais importante o número de alunos nascidos fora das fronteiras portuguesas (22% do total da amostra), seguindo-se Alemanha (9%), Reino Unido (6%), França (5%), Luxemburgo (2%), Andorra e Holanda (1% cada). Estes números contrastam com os relativos aos encarregados de educação, que nasceram na sua esmagadora maioria (85,9%) em Portugal. Apenas 3% do total dos encarregados de educação nasceu na

Referencial Camões de Português Língua Estrangeira
Apoiar a internacionalização

❗ A língua portuguesa vai ter pela primeira vez, em 2017, um referencial para o ensino, aprendizagem e avaliação do português como língua estrangeira, sendo assim um documento orientador importante para a sua internacionalização.

O *Referencial Camões de Português Língua Estrangeira* (PLE) vem estabelecer «especificações», «sob a forma de inventário de conteúdos», dos seis níveis comuns de referência – estabelecidos para as línguas europeias pelo *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação* (QECR) do Conselho da Europa (2001) – para o ensino, aprendizagem e avaliação de quem tem uma outra língua materna e quer aprender o português como língua estrangeira.

A criação deste *Referencial* pretende contribuir para a cobertura de uma das necessidades do ensino de português no mundo, que compreende, além do ensino do PLE, o seu ensino e aprendizagem como língua materna, língua segunda ou língua de herança, o que exige «aproximações diferenciadas, se bem que articuladas», como é referido no prefácio ao *Novo Atlas da Língua Portuguesa* (apresentado publicamente em novembro passado) por Augusto Santos Silva, titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, cujo ministério tutela o Camões, I.P.

O ministro defendeu aí «a aposta-chave da integração do português como língua estrangeira nos currículos de ensino pré-superior no maior número possível de países, em vários continentes, como já hoje acontece na Espanha, na Bulgária,

na Roménia, na República Checa, na Hungria ou em Itália, no Senegal, na Namíbia ou no Uruguai». O *Referencial* vem apoiar e credibilizar, de um ponto de vista prático, o ensino da língua portuguesa a aprendentes que têm como idioma materno outras línguas que não o português.

Embora de caráter diferente, o *Referencial* representa, de alguma forma, para os estudantes estrangeiros de língua portuguesa o que o *QuaREPE* (Quadro de Referência para o Ensino do Português no Estrangeiro) – um documento datado de 2011, mais genérico, também ele filiado no QECR – representou para o ensino e aprendizagem de português como língua de herança, ou seja, grosso modo, para o universo dos alunos das comunidades portuguesas, habitualmente portu-

gueses a viverem no estrangeiro ou lusodescendentes.

O anúncio do lançamento do *Referencial* foi feito por Ana Paula Laborinho, Presidente do Camões, I.P. – instituição que tem como objetivo, entre outros, a internacionalização da língua portuguesa – numa sessão realizada na sede do Instituto em outubro passado. Acrescentou permitir o *Referencial* «maior solidez» nos «objetivos de ensino em termos de PLE».

PRECURSORES

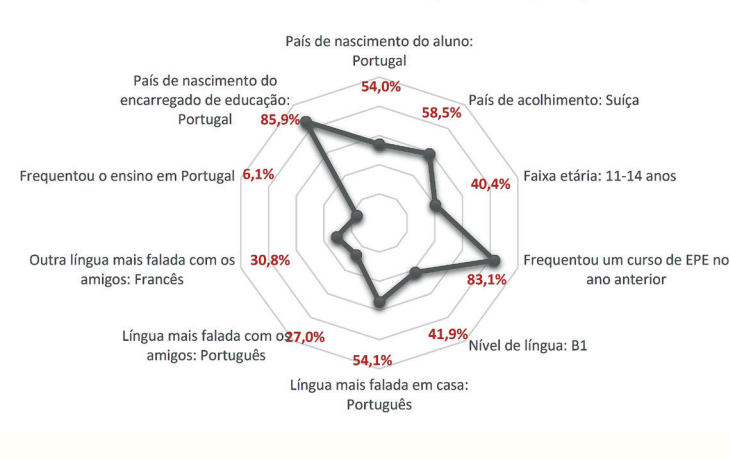
No contexto europeu, os primeiros instrumentos de descrição de níveis de proficiência surgiram a partir de meados da década de 1970, para o inglês – *Threshold Level* – e para o francês – *Un Niveau Seuil* – integrados num conjunto de iniciativas do Conselho da Europa, através da *Language Policy Unit*, para fomentar o estabelecimento de normas comuns que apoiassem os estados membros na conceção e implementação das suas próprias políticas linguísticas, explicam os membros da equipa que elaborou o *Referencial*, constituída por técnicos da Divisão de Programação, Formação e Certificação da Direção de Serviços de Língua e Cultura (DSL) do Camões, I.P., especialistas

recrutados em instituições universitárias e leitores da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE).

Os documentos para o inglês e o francês, que descrevem aquilo que os aprendentes deverão saber fazer ao usar a língua para comunicar, em cada um dos níveis de proficiência, serviram de modelo para o desenvolvimento de instrumentos semelhantes noutras línguas europeias – incluindo o português, para o qual se publicou, em 1988, o *Nível Limiar* – e foram precursores do QECR, acrescentam os referidos técnicos.

Publicado em 2001, o QECR constituiu um ponto de viragem nas abordagens do processo de ensino, aprendizagem e avaliação de línguas estrangeiras, descrevendo ao longo de seis níveis (do A1 ao C2) aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua. O QECR assenta numa abordagem comunicativa e tornou-se um documento de referência para a elaboração de currículos e programas de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, para a criação de materiais de ensino e aprendizagem e para a conceção de instrumentos de avaliação da proficiência em língua.

Perfil do aluno de EPE (Camões, I.P.)



Suíça e outros tantos em França, seguindo-se a Alemanha (2%). O estudo indica que «uma primeira análise à relação existente entre o país de nascimento do encarregado de educação e à língua falada em casa» permite «considerar que quando os encarregados de educação nascem em Portugal, a língua mais utilizada em casa é o português, acontecendo o mesmo quando nasceram na Alemanha, no Luxemburgo, no Reino Unido e na Suíça. Quando os encarregados de educação nasceram em Andorra, na Bélgica, em França ou na Holanda, os primeiros dados parecem indicar que há a preferência por falar outras línguas. As percentagens de utilização da língua portuguesa, de acordo com o país de nascimento do encarregado de educação variam entre os 90,2%, quando ele é natural de Portugal, e os 11%, quando natural de Andorra». Um dos contrastes mais

significativos do estudo é o que contrapõe o uso do português ‘em casa’ (os já referidos 54%) e ‘com os amigos’ – 26,2%, o que quer dizer que fora de casa são inquestionavelmente preferidas outras as línguas de comunicação. No entanto, parece haver situações muito diferentes de país para país. Um gráfico do estudo – que embora não permita uma leitura direta, porque relaciona as línguas faladas com os amigos por país de nascimento do aluno, mas não as línguas faladas com os amigos em cada país – mostra que enquanto 57,68% dos alunos nascidos no Luxemburgo (país onde a imigração portuguesa é muito significativa no conjunto da população) fala português com os amigos, essa percentagem é praticamente residual nos alunos nascidos na Bélgica (3,7%). Em números absolutos, o francês é a língua mais falada pelos alunos do básico e secundário da rede EPE com os amigos, repre-

sentando 30,84% da amostra. Segue-se o alemão (29,28%), o inglês (8,26%), o português (5,98%) e o luxemburguês (3,18%). «No total, registam-se 17 línguas diferentes, onde, para além das apresentadas [...], se incluem o croata, o chinês, o húngaro e o romanche, ainda que com pouca relevância estatística».

NECESSIDADE DE PROMOÇÃO O estudo refere que, quando se aborda a questão das línguas mais faladas com os amigos, muitos alunos surgem inseridos «em contextos multilingues, havendo situações em que dizem falar três ou quatro línguas diferentes, como o português, o francês, o luxemburguês e o alemão ou o português, o espanhol e o catalão». Ora, estas situações «assumem grande importância ao nível das metodologias de aprendizagem das diferentes línguas e, no caso que mais nos interessa, do português». O estudo constata ainda que as línguas mais faladas com os amigos «são, geralmente, as línguas oficiais dos países de acolhimento, indispensáveis ‘para a participação na vida política e económica do Estado’» e as línguas de escolarização. No entender dos autores, «a emergência destas línguas ‘fortes’, na comunicação com a família e inter pares, merece uma atenção especial no que diz respeito à necessidade do possível desenvolvimento de programas de promoção da aprendizagem do português, sob pena de esta ser progressivamente abandonada, enquanto língua de herança (LH)».

Feito com uma amostra que representa precisamente os alunos inscritos na rede EPE, o estudo não indica quantos jovens portugueses ou lusodescendentes, dos cinco aos 19 anos, “escapam” nestes países de acolhimento à aprendizagem formal do português, mas os autores chamam a atenção para o facto de o percurso escolar dos alunos inscritos mostrar que «a generalidade dos falantes de PLH não é escolarizado nessa língua ou, quando é, o nível de educação formal de que é detentor é muito baixo». Com efeito, um total de 93,91% destes alunos nunca frequentou a escola em Portugal, embora uma confortável maioria – 83,16% – dos que se inscreveram para 2016/17, tenha frequentado um curso de português no ano letivo de 2015/16. Na sua maioria, os alunos da rede EPE inscritos para 2016/17 estão no 1.º ciclo (46,82%). Os do 2.º e 3.º ciclos surgem em percentagens quase idênticas (19,06 e 19,32 respetivamente). Um total de 11,18% frequenta o ensino secundário e 3,87% o pré-escolar. Já a distribuição dos alunos por níveis de aprendizagem do PLH mostra uma «concentração» no nível intermédio B1 (41,96%), o 3.º de quatro níveis, que começam em A1, seguido do A2 e B1, e que termina em C1, o mais elevado. Estes níveis, retirados do QuaREPE (Quadro de Referência do Ensino Português no Estrangeiro), estabelecem metas de proficiência na língua portuguesa em vários domínios (oralidade, leitura, compreensão, etc.) e na cultura portuguesa.

TRÊS TIPOS O estudo indica que, sem surpresas, «os níveis de proficiência linguística mais elevada são tendencialmente registados pelos alunos que frequentam o ensino secundário e os alunos que frequentam os ciclos/níveis de escolaridade mais baixos são os que solicitam a inscrição nos níveis de proficiência de iniciação (A1 e A2)». Fazendo a desagregação dos dados por país, o estudo afirma que «parece lícito afirmar que o nível A1 predomina na Alemanha, em Andorra, em França, nos Países Baixos, no Luxemburgo e no Reino Unido. O nível A2 regista um maior número de inscrições na Bélgica. O nível B1 [...], considerando a totalidade dos países, é o que tem mais discentes inscritos, sobretudo na Suíça». Da confluência de todos estes indicadores, o estudo – que parte depois para uma análise mais fina apoiada na literatura da especialidade – aponta para três «situações prototípicas, correspondentes a diferentes perfis e a diferentes relações que os alunos estabelecem com a língua portuguesa». A primeira situação é a dos «alunos para quem a língua materna, a língua de comunicação com a família e com os seus pares fora do ambiente escolar é uma variedade do português»; a segunda é a dos «alunos que utilizam duas ou mais línguas em contexto familiar, sendo uma delas o português, com graus muito distintos de proficiência em relação a esta última»; a terceira é a dos «alunos que não utilizam o português como língua de comunicação, nem em casa, nem com os amigos».

Contudo, explicam os técnicos da DSLC, sendo um documento orientador que não tem por referência nenhuma língua específica, o QECR precisa de ser interpretado e implementado de acordo com as especificidades de cada língua e os objetivos de ensino e aprendizagem dos diversos contextos nacionais e regionais. O *Referencial Camões PLE* surge, pois, integrado numa nova geração de instrumentos de referência que abrangem os seis níveis de proficiência do QECR, especificando os descritores aí apresentados, e dos quais fazem parte, por exemplo, referenciais já publicados para o alemão (*Profile Deutsch*), o inglês (*English Profile; Core Inventory for General English*), o espanhol (*Plan Curricular del Instituto Cervantes*) e o francês (*Inventaire linguistique des contenus clés des niveaux du CECRL*). **CONTEÚDOS** As especificações apresentadas pelo *Referencial* surgem «sob a forma de inventários de conteúdos, organizados em três componentes do uso comunicativo da língua: uma componente pragmática, uma componente nocional e uma componente linguística», refere a introdução ao próprio

documento orientador. Essas especificações, acrescenta-se, partem, por seu lado, «de uma transposição dos descritores do QECR combinada com o material linguístico específico da língua portuguesa considerado necessário para o desenvolvimento das competências comunicativas dos aprendentes», em cada um dos níveis de proficiência da língua, tratadas de forma sequencial. A finalidade do documento é facultar a todos os intervenientes no ensino e aprendizagem de PLE, em primeiro lugar aos da rede do Camões, I.P, «um referencial de conteúdos relevantes para o desenvolvimento das competências comunicativas, com diferentes utilidades para o processo de ensino», pelo que no seu âmbito se inclui a conceção e organização de cursos; a elaboração de programas de ensino e aprendizagem; a elaboração de materiais de ensino e aprendizagem; a planificação de aulas e de atividades didáticas; a conceção e implementação de metodologias e instrumentos de avaliação; o apoio à ação pedagógica dos docentes e à reflexão sobre as suas práticas; a autoavaliação das aprendizagens dos aprendentes. Não se trata, contudo, de um documento



que deva ser levado diretamente para a sala de aula, exigindo por parte dos profissionais que o utilizem um tratamento adequado às finalidades de utilização e às características do público aprendente, sublinha a equipa do *Referencial*. De qualquer forma, o *Referencial* apresenta «o que os alunos têm de aprender em cada nível, de forma muito concreta». «Tem realizações

linguísticas para especificar o que o aprendente deverá saber fazer num determinado nível (...) na competência gramatical, na competência funcional – que funções comunicativas é que devem já saber desempenhar, por exemplo, apresentar-se, falar um pouco de si, da família», etc. «Importante», segundo os técnicos, é a observância pelos utilizadores do *Referencial* da «progressão na

aprendizagem da língua», através de «uma dimensão vertical – aferindo-se aquilo que os aprendentes são capazes de fazer, por nível, usando a língua com propósitos comunicativos e mobilizando estratégias de comunicação adequadas a cada nível de referência – e uma dimensão horizontal – facilitando-se, em diferentes componentes, a identificação de conteúdos que os aprendentes necessitam de mobilizar para desenvolver competências em cada nível de referência, em função de necessidades e contextos de aprendizagem específicos». De acordo com as intenções que nele estão expressas, o *Referencial* foi concebido como «um documento aberto e não exaustivo». Assim, em cada uma das suas três componentes – pragmática, nocional e linguística –, os inventários «são suscetíveis de serem enriquecidos com novos conteúdos». Por outro lado, o conjunto de especificações apresentado no *Referencial* «pode ser atualizado e completado com a introdução de outros inventários» tais como: inventário de fonética / fonologia; inventário de ortografia; inventário de referentes culturais; inventário de atitudes e comportamentos socioculturais / interculturais; inventário de estratégias de aprendizagem».

Cabo Verde Portugal apoia ensino do Português como língua segunda



FOTO CAMÕES, I.P.

❗ O Governo de Cabo Verde vai contar com o apoio técnico de Portugal para a introdução, a partir do próximo ano letivo, do ensino do português como língua segunda no país.

A cooperação nesse processo será feita ao abrigo de um protocolo

de cooperação assinado em dezembro, na cidade da Praia, pela ministra da Educação cabo-verdiana Maritza Rosabal e pelo vice-presidente do Camões, I.P., Gonçalo Teles Gomes.

Esta colaboração tem lugar no quadro do projeto *Reforço Técnico das Capacidades Nacionais no domínio do Desenvolvimento Curricular*, e visa apoiar o Ministério da Educação de Cabo Verde na conclusão do processo de revisão e desenvolvimento curricular, por via de uma assessoria técnica do Ministério da Educação de Portugal, concorrendo assim para a consolidação do sistema educativo cabo-verdiano e a melhoria progressiva da qualidade da educação no país.

Maritza Rosabal, citada pela Agência Lusa, explicou que o projeto visa contrariar a baixa eficiência do sistema de ensino cabo-verdiano: «A língua portuguesa é abordada como língua primeira de Cabo Verde, quando não é. Temos uma eficácia do sistema muito baixa, em que apenas 44% das crianças que começam o 1º ano finalizam o 12º em tempo. Temos muitas perdas».

A ministra cabo-verdiana acrescentou que, entre os alunos cabo-verdianos, a capacidade de leitura e interpretação e a proficiência linguística são questões que se colocam «com muita acuidade». «Toda esta duplicidade linguística afeta o processo. Reconhecemos que a nossa língua materna é o crioulo, mas como língua instrumental de trabalho e de comunicação temos que fortalecer a língua portuguesa».

Por isso, já no próximo ano letivo, o ensino de português como língua segunda ou língua não materna começará a ser introduzido no ensino pré-escolar (4/5 anos) e no 1º ano no ensino básico, estendendo-se depois progressivamente aos restantes anos do primeiro ciclo. O protocolo envolve os ministérios da Educação de Cabo Verde e de Portugal e o Camões, I.P. como entidade financiadora.

Timor-Leste Projeto Formar Mais entrega certificados



FOTO CAMÕES, I.P.

❗ A entrega de certificados a docentes timorenses que beneficiaram de formação, ministrada no âmbito do Projeto *Formar Mais* foi concluída a 16 de dezembro, em Timor-Leste. A formação aos docentes timorenses por agentes da cooperação decorreu de outubro a dezembro de 2016, em diversas escolas secundárias do país.

Iniciado em julho passado, o projeto *Formar Mais – Formação Contínua de Professores* resulta de uma parceria entre o Camões, I.P. e o INFORDEPE timorense, tendo como objetivo melhorar a qualidade do ensino em Timor-Leste, através da formação académica e profissional de pessoal docente e de profissionais do sistema educativo.

As cerimónias de entrega de certificados contaram com a participação de representantes da Embaixada de Portugal em Díli, das autoridades do Ministério da Educação da República Democrática de Timor-Leste e da coordenação do Projeto, para além da população escolar.

O apoio da Cooperação Portuguesa ao sistema educativo de Timor-Leste tem abrangido ao longo dos anos vários graus de ensino, apostando essencialmente em projetos de capacitação dos profissionais e de proficiência na língua portuguesa.

Príncipes do Nada na RTP 1 em janeiro

❗ Os projetos da cooperação portuguesa são tema da quarta série do programa documental *Príncipes do Nada*, apresentado por Catarina Furtado, que estreia amanhã, 5 de janeiro, às 21:00 na RTP 1.

A nova série de 10 episódios do programa apresenta histórias de terreno, numa linguagem mais documental, com incidência nos projetos mais emblemáticos da cooperação portuguesa. Este projeto resulta de uma parceria com o Camões, I.P. assinada a 29 de agosto de 2016.

Príncipes do Nada é um programa de televisão criado há 10 pela vontade partilhada de Catarina Catarina Furtado, enquanto Embaixadora de Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA), e da RTP. Produzido pela Até ao Fim do Mundo, coautora do formato, o programa é dedicado ao trabalho na área do desenvolvimento, nos países em desenvolvimento e em Portugal.

Apoios à internacionalização das artes para 2017

❗ Vinte e nove projetos «abrangentes» e de diversas áreas disciplinares – artes plásticas, dança, música, teatro, fotografia e arquitetura – foram contemplos ao abrigo do programa de Apoio à Internacionalização das Artes para o ano de 2017, segundo anunciou em dezembro a Direção-Geral das Artes (DGArtes), que financia o programa.

O Camões, I.P. dará apoio a estes projetos no quadro da programação das suas estruturas externas, nomeadamente nas embaixadas e centros culturais. A colaboração entre a DGArtes e o Camões, I.P. no âmbito dos apoios à internacionalização das artes é anterior à resolução do Conselho de Ministros de 20 de outubro passado, que mandou os ministérios da Cultura e dos Negócios Estrangeiros coordenarem em conjunto a política de promoção da cultura portuguesa no estrangeiro. Um técnico superior do Camões, I.P. participou no júri que analisou as propostas submetidas ao concurso de 2016.

O programa de apoios à internacionalização visa a «valorização do trabalho autoral português, a representação em iniciativas internacionais de reconhecido prestígio e grande visibilidade, a mobilidade na Europa e o fomento de relações culturais propícias ao debate atualmente crítico para um futuro de coesão, sustentabilidade, democracia e inclusão». As atividades a desenvolver no seu âmbito decorrerão em 26 países ao longo 2017. A DGArtes refere na área de teatro foram concedidos sete apoios, seguindo-se, com seis cada, a dança e a música, e, com cinco, as artes plásticas.

Entre os projetos apoiados está a presença de músicos portugueses no Eurosonic, na Holanda, este mês, festival que tem Portugal como país «em foco», a exposição e o ciclo de conversas da artista plástica Ângela Ferreira, na África do Sul e em Moçambique, e uma digressão internacional da Comuna – Teatro de Pesquisa.

Na área da arquitetura foi aprovado o projeto de Carrilho da Graça, cuja exposição sobre Lisboa passará por Bogotá (Colômbia), São Paulo (Brasil), Montevideu (Uruguai), Buenos Aires (Argentina), Barcelona (Espanha) e Paris (França).

A Plataforma de Fotografia viu aprovado um projeto que envolve a Lituânia, Itália e Estados Unidos.

Os apoios à internacionalização contemplaram ainda dois projetos numa disciplina («cruzamentos disciplinares») que junta diferentes artes. Foram eles *Noite*, da cooperativa cultural Circolando, em Espanha, EUA e Brasil, e *Big collective_ Ocupa # 01*, da cooperativa cultural AUAUFEIOMAU, em Espanha, Alemanha França e Escócia.

No teatro, foram apoiados o projeto *Casa Vaga*, do Teatro Experimental do Porto, envolvendo o Chile; *Portugal não é um país pequeno*, apresentado



FOTO PAULO NOVAIS / LUSA



FOTO ANTONIO COTRIM / LUSA

pelo Hotel Europa, na República Checa e na Eslováquia; e ainda o projeto da companhia S.A. Marionetas & Bonecos, que se desenvolve na China e na Bélgica.

Nesta área foram ainda contempladas as companhias Comuna – Teatro de Pesquisa (projeto *Comuna no Estrangeiro*, no Brasil e Roménia), Má-Criação Associação Cultural, (projetos no Brasil e Argentina), Companhia de Teatro de Braga, com *O teatro pela Europa Portugal/Ucrânia*, e o Teatrão, com o projeto *Três irmãs (making of)*, em São Paulo, Brasil, bem como a residência artística de Raquel André, em Berlim.

Na dança, destaca-se a digressão chinesa do Quorum Ballet, o projeto «circulação internacional da obra de João dos Santos Martins», da Circular Associação Cultural, em Espanha, Moçambique, Uruguai, Brasil e Chile, e o projeto *Segunda-feira – atenção à direita*, de Cláudia Dias, da associação Alcantara. A presença do Atelier Real, no Rio de Janeiro, Brasil, e do Pensamento Avulso, em Lyon, França, são outros projetos aprovados.

Na música destacam-se ainda projetos da Companhia de Música Teatral (*Babelin na Finlândia*), da Associação Portuguesa de Viola d’Arco (Festival de Cremona 2016), da Banda Nova Sinfónica Portuguesa (*World Symphonic Wind Music*, Holanda), e de Cesário Costa, para apresentação de «música sinfónica portuguesa no Brasil».

Nas artes plásticas, além de Ângela Ferreira, conta-se a participação da Título Apelativo na 57.ª Bienal de Veneza, a presença do projeto *Correspondências*, na Alemanha e em Malta, e do projeto *Blue Pictures*, em Belfast, na Irlanda do Norte.

Prémio Vergílio Ferreira 2017 para Teolinda Gersão

❗ A escritora Teolinda Gersão conquistou em dezembro passado o Prémio Literário *Vergílio Ferreira* 2017, atribuído anualmente pela Universidade de Évora. Insti-tuído em 1997, o Prémio Vergílio Ferreira destina-se a galardoar, anualmente, o conjunto da obra literária de um autor de língua portuguesa relevante no âmbito da narrativa e/ou do ensaio.

A escritora foi a candidata ao Prémio escolhida em 2016 pelo Camões, I.P. e pela Direção-Geral do Livro, dos Arqui-vos e das Bibliotecas, que se associaram mais uma vez em candidaturas conjuntas a prémios literários. Da candidatura apresentada constava, nomeadamente, cartas de recomendação enviadas por algumas personalidades, como Guilherme d’Oliveira Martins.

O júri decidiu atribuir o prémio a Teolinda Gersão pela «alta qualidade da arte narrativa expressa nos vários géneros de ficção clássica, em particular o romance e o conto». O seu percurso, segundo o júri, «adquire especial relevo pela independência da escritora relativamente a todas as modas ou tendências que, de alguma forma, condicionam os caminhos da literatura contemporânea». O júri da 21.ª edição do galardão foi presidido por António Sáez Delgado e integrou Pedro Ferré, Mário Avelar, Gustavo Rubim e Elisa Esteves. A cerimónia de entrega do Prémio Literário realiza-se a 1 março próximo, na Universidade de Évora, data em que se assinala a morte do escritor Vergílio Ferreira.

Natural de Coimbra, Teolinda Gersão, de 76 anos, estudou germanística, românica e anglística nas universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim. A escritora foi leitora de Português na Universidade Técnica de Berlim, assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa, onde lecionou Literatura Alemã e Literatura Comparada. Segundo a Universidade de Évora, esta edição do prémio foi a que teve mais candidaturas desde que o galardão foi criado, tendo sido apresentadas por instituições de Portugal, Espanha, Itália, EUA e Colômbia.

O prémio foi atribuído pela primeira vez a Maria Velho da Costa, a que se seguiram, entre outros, Mía Couto, Almeida Faria, Eduardo Lourenço, Agustina Bessa Luís, Vasco Graça Moura, Mário Cláudio, Luísa Dacosta, José Gil, Hélia Correia e Lídia Jorge, tendo sido o galardoado da edição de 2016 o escritor João de Melo.



CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LÍNGUA
PORTUGUESA
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Vera Sousa

COLABORAÇÃO Carlos Lobato